

SUBJETIVIDADE: Inquietações contemporâneas*

Tânia Maia Barcelos**

ABSTRACT

This article discusses subjectivity as it is understood by the movements of the modern world. These movements influence it meaningfully and demand from it the search of alternatives in order to cope with problems people have to face. They also demand searching for new strategies of existence. The **self-development literature**, widely found in the market, is one of the possibilities available to supply such demands. This kind of literature aims at teaching ways of conducting one's life and by doing so it also elicits some "invisible" proposals to change the subjectivity. This study focuses on the initiatives proposed by the market, through self-development literature, and on how they mean to answer the modern challenges subjectivity is supposed to experience.

Key words: Subjectivity, Psychology of Education, Psychoanalysis.

RESUMO

Este artigo problematiza a subjetividade diante dos movimentos do mundo contemporâneo. Tais movimentos atingem-na, significativamente, e exigem dela a busca de saídas para lidar com os desconfortos vividos, bem como novas estratégias de existência. A

* Este artigo baseia-se na dissertação de mestrado: *Com que roupa eu vou pro samba?*, defendida em 1999, no Núcleo de Estudos da Subjetividade do Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP.

** Professora Assistente no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás – Campus Avançado de Catalão.

literatura de auto-ajuda se coloca como uma das possibilidades oferecidas pelo mercado para o atendimento a essa demanda. Ao ensinar às pessoas formas de como conduzir a vida, ela aciona algumas propostas invisíveis de mudanças para a subjetividade. A preocupação do artigo é a de apontar o tipo de empreitada que está sendo feita, e como ela responde aos desafios contemporâneos que a subjetividade tem sido obrigada a experimentar.

Palavra-chaves: Subjetividade, Psicologia da Educação, Psicanálise.

São muitos os desconfortos e os incômodos vividos na pele hoje. Desconfortos em vários campos – econômico, político, profissional, afetivo. Nesses planos, somos levados a experimentar instabilidades diversas que atingem, significativamente, a nossa subjetividade.

Nossos modos de existir parecem não responder, confortavelmente, às exigências do mundo atual. Quantas vezes, sentimo-nos desajeitados diante de mudanças, as quais têm nos forçado a conviver com as novidades em ritmos acelerados, sem tempo para digeri-las e compreendê-las com tranquilidade.

Pode-se dizer que as modificações pegam-nos de “calças curtas” e nos deixam com sensações de vazio, “sem roupa” ou sem um traje que nos possibilite ficar à vontade para transitar pelos movimentos produzidos pelo mundo atual. Isso tem gerado medo, insegurança e cansaço. Medo de não saber o que fazer diante das situações novas e cansaço por tentar compreender o que está acontecendo e correr atrás das possíveis saídas para lidar com o mal-estar, que “é tão grande que passa pelos poros do corpo e o inunda” (PESSOA, 1996:123).

Provavelmente, um dos maiores desafios da subjetividade tem sido o enfrentamento dos diversos tipos de *desterritorializações*¹ produzidas pelos movimentos do mundo contemporâneo – um

¹ Termo utilizado por Félix Guatarri para se referir ao movimento em que os territórios “originais” relativos tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido, no seio do qual um sujeito se “sente em casa,” se desfazem ininterruptamente.

*samba*² que temos sido forçados a dançar. Esse samba é bastante diferente dos que estávamos acostumados, até algum tempo atrás, pela maneira como se cruzam e se misturam os movimentos e os ritmos que o compõem.

São vários os movimentos existentes na atualidade. Dois deles – a globalização e as virtualizações – chamam-nos a atenção por nos atingirem e nos afetarem de forma íntima, cotidiana e freqüente.

A globalização, movimento complexo de expansão do capitalismo, facilitada pelos avanços tecnológicos, aproxima e distancia realidades diversas, mundos diferentes, fazendo com que o local e o global se tornem interdependentes. Em tempos globais, mesclam-se, embaralham-se, modificam-se modos de ser, pensar, agir, sentir. Mistura-se tudo - roupas, comidas, músicas, brinquedos, conhecimento, tecnologia etc., provenientes de vários cantos do mundo –; e, com isso, ficamos expostos a uma multiplicidade de acontecimentos que nos invadem com novas idéias e novos modos de conduzir a vida, colocando em xeque formas antigas e cristalizadas de existência.

Como diz Rolnik, “o mundo atual globalizado, ao povoar a subjetividade de várias forças e aproximar os corpos, provoca uma pulverização das figuras vigentes e abala a crença na estabilidade e na ilusão identitária” (1997:19-24).

Os movimentos globais, ao intensificarem as experiências de perda das identidades, que ficam a mercê dos novos ventos, e das desterritorializações, deixam-nos ainda mais perdidos, “sem chão.” Essas são conseqüências invisíveis dos movimentos da globalização que tocam a subjetividade hoje. Geralmente, não conseguimos percebê-las imediatamente. Percebemos com rapidez a perda do emprego, da casa, da qualidade de vida, a oscilação do mercado, as mudanças nos hábitos alimentares, no vestuário etc.

As mudanças no campo da subjetividade têm sido menos perceptíveis, pois elas acontecem de forma invisível e sorrateira. Mas

² A imagem do samba foi utilizada no texto da dissertação, na qual este artigo se baseia, para facilitar a compreensão da idéia de movimento e ritmo.

são tão importantes quanto aquelas que acontecem em um plano mais visível; ambas atingem-nos de forma vital.

Os movimentos de globalização, como sabemos, não são recentes. A rapidez, a frequência, a intensidade como eles ocorrem e, conseqüentemente, a forma como têm afetado nós todos – sujeitos modernos habituados a mudanças menos bruscas e, de preferência, com a ilusão de estarem sob nosso controle – nos provocam a pensar, na atualidade, esses movimentos.

As virtualizações também atingem significativamente nossos modos de viver. Segundo Pierre Levy (1996), estamos mergulhados numa onda de virtualização – no trabalho, no mercado, na economia, nos corpos, na inteligência, nas relações com as pessoas. Para o autor, as virtualizações provocam mutações no objeto a ser considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (solução), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático – o virtual. Nesse sentido, a virtualização não é desrealização, é passagem de uma solução dada (atual) a um problema (virtual). É passagem à problemática.

A subjetividade atravessada pelos movimentos virtuais é forçada a sair de seu atual e entrar num campo problemático caracterizado por uma “quase presença,” um certo desprendimento do aqui e agora. As virtualizações empurram a subjetividade a sair de uma situação formatada e inventar outras formatações a serem atualizadas. Ao fazer isso, elas desestabilizam-na de sua forma atual. O corpo sai de si mesmo, adquire novas modalidades, conquista novos espaços; surgem uma nova rapidez de aprendizagem e uma celeridade de pensamento inédita. Inventam-se novas velocidades, novos ritmos e novos meios de interação.

Os efeitos que as virtualizações produzem na subjetividade, o modo como elas a colocam em xeque e a possibilitam lidar com novas formas de relacionar com o mundo – virtuais problematizadores dos atuais – levam a tomá-las como um movimento significativo do contemporâneo, assim como a globalização.

Atravessados por esses movimentos e por vários outros, sentimo-nos, muitas vezes, estrangeiros em nossas próprias casas; experimentamos vazios de sentido, o que nos leva a concluir a perda

de “nós mesmos”, da identidade e do Eu. Perda do controle da vida e da suposta essência das figuras da subjetividade que imaginávamos ter. Figuras estáveis, rígidas e endurecidas.

As desterritorializações contemporâneas fazem-nos procurar saídas diversas para tentar aliviar o mal-estar que nos invade. Nessa busca, nos deparamos com outros tipos de problema, por exemplo, o da escolha e do caminho a tomar. Como mudar? De que jeito? Como escolher uma “roupa” para desfrutar do samba contemporâneo? Como vestir a alma de novos trajes?

Para Fernando Pessoa, “mudar, passar de uma coisa para ser outra, é uma morte parcial; morre qualquer coisa de nós, e a tristeza do que morre e do que passa não pode deixar de nos roçar a alma” (1996:119).

Nesse clima de mudanças, perdas e confusões, procuramos incansavelmente algo disponível que nos recomponha, e, muitas vezes, sem muito critério de escolha, grudamos na proposta que mais nos seduz. Para isso, o mercado oferece uma infinidade de sugestões, sobretudo num tempo em que as coisas circulam e se misturam com facilidade e rapidez. O que não falta é roupa no mercado. Ele oferece ilimitadas combinações, produz e reforça a demanda por mudanças na subjetividade; é sedutor e estratégico.

Nas vitrines estão expostas as variedades de propostas que sugerem como realizar mudanças pessoais, como ser feliz, como ter sucesso, como superar as crises. Portanto, se há um investimento do mercado no sentido de reforçar as mudanças na subjetividade, há também uma clientela afirmando precisar delas, mantendo assim uma certa cumplicidade entre esta e aquele.

Dentre as inúmeras propostas de mudanças existentes no mercado, uma delas que se destaca é a literatura de auto-ajuda, que, segundo algumas vendedoras e estudiosos do assunto, está na lista dos livros mais vendidos e apresenta, só no ano 2000, um crescimento de 7%³. Geralmente tais livros encontram-se misturados aos de

³ Informação da Câmara Brasileira do Livro apresentada no artigo: “Mercado de auto-ajuda vende individualismo e falsa felicidade”, no jornal de psicologia - CRP- SP. Ano 19, n. 126, jan./fev. 2001

psicologia e aos esotéricos, também muito procurados, embora esses problematizem, diferentemente, as questões da existência humana.

Não há uma linha única nos livros da auto-ajuda e as propostas são variadas. Podemos encontrar neles sugestões de como alcançar sucesso profissional e nos relacionamentos; como aprender a controlar a mente para conseguir aquilo que se deseja; como se libertar da insegurança, da timidez, do medo e ter pensamento positivo diante das situações ameaçadoras. A título de exemplo, citaremos alguns trechos tirados de alguns livros de dois autores conhecidos na área:

- *Tome a decisão de estar disposto a mudar, (...)*
- *O que você escolhe pensar sobre si mesmo e sobre a vida torna-se verdade para você.*
- *Você é o poder em seu mundo! Você terá tudo o que escolher pensar.* (HAY, 1984)

Para mudar é preciso acreditar. “É preciso crer para ver” (RIBEIRO, 1992:40). É preciso tornar-se responsável pela direção da vida. Para mudar é preciso mudar por dentro. Afinal, “não tem nada de errado com o mundo em si. O caso não é mudar o Brasil, nem a sociedade. Você é que tem que mudar. Se você mudar, o mundo muda com você” (RIBEIRO, 1992:42).

Os autores sugerem às pessoas que elas façam afirmações positivas diante do espelho (várias vezes ao dia) e visualizações dos novos comportamentos e idéias; que usem uma linguagem clara para que o cérebro não tenha dúvida da ordem dada; que amem o Eu. “Amar a você mesmo lhe trará uma onda tal de boas sensações e boa sorte que o fará dançar nas nuvens” (HAY, 1984:107).

A literatura de auto-ajuda nos desperta algumas perguntas: Por que as pessoas têm procurado tais propostas? Que tipo de estratégias elas acionam?

Percebemos de forma imediata que essas propostas sugerem à subjetividade que a decisão da mudança depende da vontade individual (basta querer); sugerem também que esta mudança deva ocorrer por dentro, no interior de cada um, e que todos devem amar a si próprios.

Essas propostas, num primeiro momento, parecem vir a calhar; parecem responder ao desafio, hoje enfrentado dolorosamente pela subjetividade – de tornar-se outra. A literatura de auto-ajuda promete refazer o Eu e a imagem de si imaginada perdida; promete fazer o sujeito acreditar que mudar é possível. Ora, sabemos que essas idéias são algumas das coisas em que há algum tempo deixamos de acreditar, por motivos diversos. Nos últimos anos, progressivamente, passamos a desacreditar das mudanças sociais, econômicas e políticas.

Num certo sentido, as propostas da auto-ajuda oferecem um tipo de auxílio ao sujeito que, hoje, treme de medo de se ver desmanchando. Ao propor eliminar o desconforto do estremecimento do Eu, ela tenta colocar a “casa em ordem” novamente e construir uma figura subjetiva mais corajosa, determinada, confiante e decidida. Uma figura forte e eficiente na tarefa de administrar os problemas da vida.

Segundo Rüdiger (1996), a literatura de auto-ajuda consta entre os fenômenos da indústria cultural, mais evidente nas três últimas décadas, e tenta fazer com que o indivíduo comum descubra, dentro de si, os recursos e a solução dos problemas pessoais criados pela vida moderna. Ela constitui um dos dispositivos populares pelos quais as modernas massas urbanas articulam sua conversão ao individualismo contemporâneo; busca construir um eu de forma reflexiva e gerenciar os recursos subjetivos. Nesse sentido, a auto-ajuda oferece pistas de mudanças para as pessoas que buscam nela a saída para “resolver” os dilemas que têm enfrentado.

Como a subjetividade vigente tem tido enormes dificuldades de tolerar a problematização e de suportar a “desordem na casa”, ela busca meios de se iludir de que tudo vai mudar, sem muito esforço, de forma rápida e meio mágica.

Mas qual é a proposta de mudança em jogo e o incômodo diante dela? Que micropolítica está sendo feita? Qual é a empreitada tentando se fazer invisivelmente na subjetividade?

As propostas da auto-ajuda reforçam ainda mais a idéia de uma subjetividade forte, estável e inabalável; reforçam os modelos de figuras idealizadas da modernidade e com isso correm o risco de fazer as pessoas se sentirem mais impotentes, pois, não há esforço humano

capaz de encarnar figuras idealizadas como prometem, sobretudo a de um sujeito que imagina ter o controle de si e saber conduzir a vida da forma que planeja e decide.

Nesse sentido, podemos afirmar que a literatura de auto-ajuda sugere estratégias políticas moleculares no campo da subjetividade e indica modos de como fazer mudanças pessoais, como cuidar de si mesmo. Para Rolnik:

a literatura de auto-ajuda nos ensina, por meio de seus manuais, a exorcizar os abalos das figuras em vigência, promete eliminar o mal estar e domestica as forças do contemporâneo. Com isso, não se enfrentam as experiências de vazios de sentido. (1997:19-24)

Se não enfrentamos os vazios de sentido, não criamos oportunidades de nos refazer de outras maneiras. Continuamos sendo figuras idênticas a nós mesmos, grudados em um ego que faz de tudo para não perder o chão. E, se perde, sai correndo atrás de um espelho, repetindo sem parar: eu me amo, eu me amo.

Ao tomar essa direção, a política da literatura de auto-ajuda comete alguns equívocos. Primeiro, ela desconsidera que o controle de si é uma estratégia que nos foge e nos escapa sempre; ele está fora de alcance, pois estamos sempre fugindo por todos os lados, abrindo brechas para que a diferença aconteça. Outro equívoco dessa política é reforçar ainda mais a política de subjetividade, que vem predominando na modernidade há alguns séculos, na qual o sujeito se vê como essência identitária, uma ordem estável, sempre igual a si mesma. E vive essa essência como um si mesmo.

Segundo Guatari (GUATARI & ROLNIK, 1986:63), essa subjetividade tenta não ouvir aquilo que a estranha ou que a leva a experimentar rupturas de sentido. Diante das desterritorializações, ela se sente ameaçada; confunde: a preservação de uma determinada figura de si mesmo com a preservação de um *si mesmo*; e não entende que, se uma figura de si já não funciona mais, o que se tem a fazer é inventar outras e não ficar tentando recuperar a "imagem perdida", como se esta fosse a sua essência.

Não entendendo isso, a subjetividade interpreta os vazios que sente como algo que está lhe faltando. Por isso, busca aquilo que lhe dê respostas: novas imagens idealizadas - do corpo, dos afetos, dos modos de ser, das relações amorosas, enfim, de qualquer coisa que a preencha, a complete e a alivie do desassossego da falta. Não é percebido que não se trata de faltar ou não faltar algo, uma vez que não houve perda de essência alguma, mas perda de uma de suas figuras. Portanto, trata-se de inventar outras maneiras de conexão com o mundo, de aumentar a potência produtiva do desejo e apostar em outras maneiras de vida; pois, se alguns modos de existência foram desfeitos, outros podem ser criados. O desejo dispõe de "infinitas possibilidades de montagem" (GUATARI & ROLNIK, 1986:240).

Mas tentar mudar a subjetividade atual não é fácil. O modelo no qual ela vem se pautando há muito vem gritando por socorro. Esse grito tem sido ouvido de diferentes maneiras. Podemos citar Nietzsche como um dos exemplos dessa escuta: "O meu eu é algo que deve ser superado, o meu eu é, para mim, o grande desprezo pelo homem" (NIETZSCHE, s/d:54). Ou quando diz, nessa mesma linha, que se aproxima o tempo do mais desprezível dos homens, que nem sequer saberá mais desprezar a si mesmo.

Nietzsche chama a atenção para os riscos que o homem possa correr, se não conseguir desfazer-se de sua forma atual; caso "o sentido da aventura histórica do ser humano estivesse encerrado nessa figura: o tipo-homem" (GIACÓIA, 1997) Se isso acontecer, é porque perdemos a capacidade de vibrar com outras formas possíveis.

Numa direção oposta da auto-ajuda, Nietzsche acredita na alma que transborda e que se esquece de si mesma, se esquece da forma homem. Para ele, o que temos de grande é o fato de sermos transição, ponte, acaso, e não meta.

Nessa direção também aposta Deleuze. Para o autor, estamos alojados no buraco negro de nosso Eu, que nos é mais caro do que nunca, pois, ele nos fixa, nos enquadra, nos identifica. Ao enclausurarmos a alma coletiva em um Eu, estamos aprisionando a vida. Para Deleuze, "tem-se a parte inalienável da alma quando se deixa de ser um eu: é preciso conquistar essa parte eminentemente fluente, vibradora, lutadora" (DELEUZE, 1997:62).

Tanto para Deleuze como para Nietzsche, a empreitada a ser feita com a subjetividade, hoje, seria outra: a de escapular da experiência de manter-se prisioneiro de um Eu - forma cristalizada, endurecida e que causa cansaço. Quando forçada a mudar, essa subjetividade adoce, pois, sua rigidez impede, muitas vezes, que a vida tome novas direções.

A empreitada do autores é a de investir em estratégias que façam libertar a vida, por toda parte onde estiver aprisionada. Inventar um povo que falta. Não um povo pré-existente no interior de cada um, como propõe a onda que exalta o Eu, mas um povo forjado pelo samba da vida.

Os autores nos fazem perceber que, numa perspectiva invisível, essa política tenta neutralizar os efeitos dos movimentos contemporâneos que promovem a desterritorialização; como se os movimentos atuais caminhassem numa direção e as saídas buscadas caminhassem em outra - os primeiros, na linha de forçar a subjetividade vigente a se desmanchar e se desfazer; e a segunda, na linha de apostar nas mesmas figuras de si, as quais têm dificuldades de transbordar e arriscar a criação de outras.

Isso quer dizer que a onda atual de exaltação do Eu investe numa direção oposta aos movimentos contemporâneos e nos faz perceber que a subjetividade, na tentativa de se recompor, acaba caindo em nova armadilha: apostar na mesma forma da qual "teoricamente" gostaria de livrar.

Sabemos que realizar mudanças em nossos modos de viver não é uma tarefa fácil e nem tranqüila. Só a fazemos quando somos forçados a isso, quando o corpo grita por socorro e se contorce. Também não é tranqüila a constatação de que não existe solução pronta, nem receita, nem manual ensinando-nos como conduzir a vida. Temos que inventar, tecer, constantemente, na alma, novos trajes, pois, sabemos, a duras penas, que "todo traje, como não é eterno, dura tanto quanto dura" (PESSOA, 1996:123).

As mudanças para a subjetividade, as quais tanto procuramos, não se encontram dentro nem fora de nós; elas são resultantes dos encontros que vamos estabelecendo com o mundo. São efeitos das misturas propiciadas, inclusive, pela globalização e pelas virtualizações. O problema não é fugir delas, nem ter indigestão, mas

aprender a fazer bons encontros com elas; encontros que nos levem a aumentar e expandir nossa potência de vida, pois, como bem disse Guatari, os modos de existir são efêmeros e finitos e a capacidade de criação de novas maneiras de lidar com o mundo é infinita. Oxalá, tenhamos coragem de arriscar.

Referências Bibliográficas:

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

GUATARI, F.& ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GIACÓIA, O. *O além do homem e o último: considerações sobre o prólogo de Assim falou Zaratustra*. Texto apresentado no Seminário "Labirintos da alma moderna". Núcleo de Estudos da Subjetividade - Programa de Psicologia Clínica - PUC/SP, 1997.

HAY, L. *Você pode curar sua vida*. São Paulo: Best Seller, 1984.

LEVY, P. *O que é o virtual?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

PESSOA, F. *Livro do desassossego* Vol. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

RIBEIRO, Lair. *O sucesso não ocorre por acaso*. 34. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1992.

ROLNIK, S. "Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização." In: *Cultura e Subjetividade - saberes nômades*. Daniel Lins (org.). Campinas: Papyrus, 1997, pp. 19-24.

RÜDIGER, F. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.